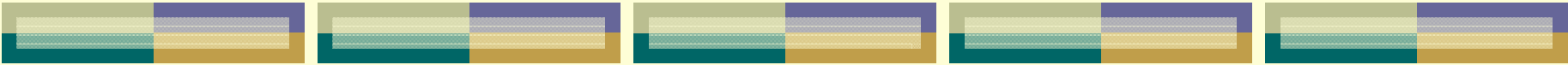


# AUTO DA BARCA DO INFERNO


GIL VICENTE



© Thomas Frankl 2005



Para se compreender o “Auto da Barca do Inferno” deve-se ter em mente que essa obra foi escrita em um período da história que corresponde à transição da Idade média para a Idade Moderna. Seu autor, Gil Vicente, se enquadra justamente nesse momento de transição, ou seja, está ligado tanto ao medievalismo quanto ao humanismo. Esse conflito faz com que Gil Vicente pense em Deus e ao mesmo tempo exalte o homem livre.

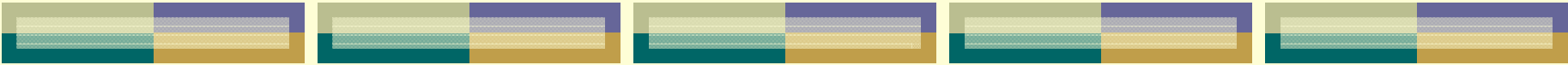


O reflexo desse conflito interior é visto claramente em sua obra, pois ao mesmo tempo em que critica, de forma impiedosa, toda a sociedade de seu tempo, adotando assim uma postura moderna, ainda tem o pensamento voltado para Deus, característica típica do mundo medieval.




X



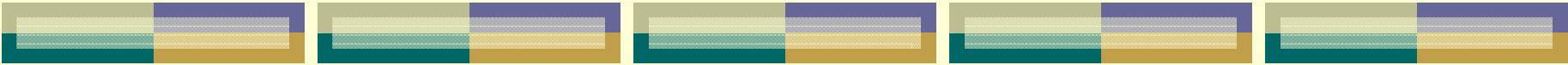


O “Auto da Barca do Inferno”, ao que tudo indica, foi apresentado pela primeira vez em 1517 na câmara da rainha D. Maria de Castela, que estava enferma. Esse Auto, classificado pelo próprio autor como um “auto de moralidade”, tem como cenário um porto imaginário, onde estão ancoradas duas barcas: uma como destino o paraíso, tem como comandante um anjo; a outra, com destino ao inferno, tem como comandante o diabo, que traz consigo um companheiro. Com relação ao tempo, pode-se dizer que é psicológico, uma vez que todos os personagens estão mortos, perdendo-se assim a noção do tempo.




Todas as almas, assim que se desprendem dos corpos, são obrigadas a passar por esse lugar para serem julgadas. Dependendo dos atos cometidos em vida, elas são condenadas à Barca da Glorificação ou à do Inferno. Tanto o anjo quanto o diabo podem acusar as almas, mas somente o anjo tem o poder da absolvição. Quanto ao estilo, pode-se dizer que todo o Auto é escrito em tom coloquial, ou seja, a linguagem aproxima-se a da fala, revelando assim a condição social das personagens, e todos os versos são Redondilhas maiores, sete sílabas poéticas.

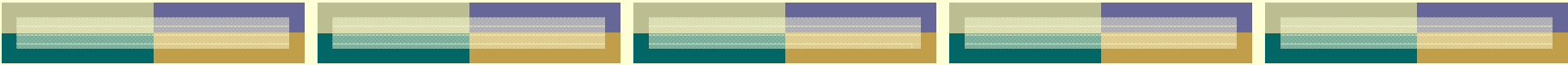




As rimas obedecem, geralmente, o esquema  
**ABBAACCA**, como se pode ver na fala do onzeneiro,  
transcrita abaixo:


*“Olá, ó demo barqueiro! (A)  
Sabeis vós no que me fundo (B)  
Quero lá tornar ao mundo (B)  
E trarei o meu dinheiro (A)  
Aqueloutro marinheiro (A)  
Porque me vê vir sem nada (C)  
Dá-me tanta borregada (C)  
Como arrais lá do barreiro (A)”*





Em relação a estrutura pode-se dizer que o Auto possui um único ato, dividido em cenas, nas quais predominam os diálogos entre as almas, que estão sendo julgadas, com o anjo e com o diabo.

Os personagens do Auto, com exceção do anjo de do diabo, são representantes típicos da sociedade da época. Eles raramente aparecem identificados pelo nome, pois são designados pela ocupação social que exercem. Como exemplo pode-se cita o onzeneiro, o fidalgo, sapateiro etc.



Os personagens do Auto, com exceção do anjo e do diabo, são representantes típicos da sociedade da época. Eles raramente aparecem identificados pelo nome, pois são designados pela ocupação social que exercem. Como exemplo pode-se citar o onzeneiro, o fidalgo, sapateiro etc.



No começo do Auto o **anjo** divide o palco com o **diabo** e o seu companheiro. Os dois últimos estão muito eufóricos enquanto realizam os preparativos da sua barca, pois sabem que ela partirá repleta de almas. As posturas assumidas pelo anjo e pelo diabo acentuam ainda mais a tradicional oposição entre Bem e Mal.

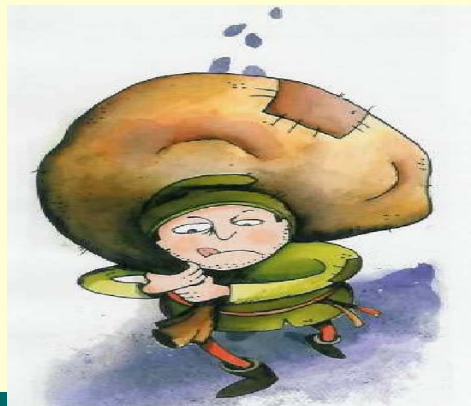
As poucas falas, fazem do anjo uma figura quase estática e se contrapõe a alegria e ironia do diabo.



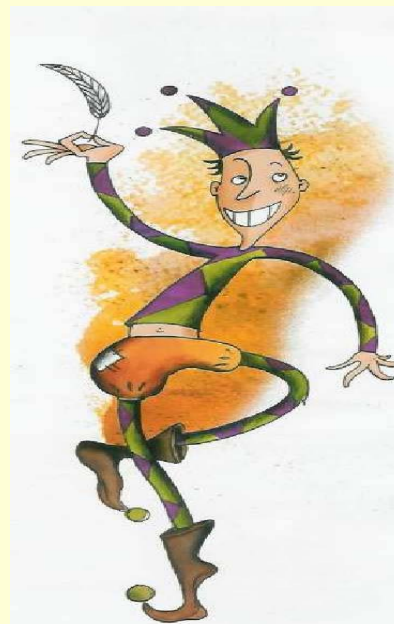
A primeira alma a chegar para o julgamento é o **fidalgo**. Ele vem vestido com uma roupa cheia de requintes e acompanhado por um pajem, que carrega uma cadeira, simbolizando o seu status social. Esse representante da nobreza é **condenado à barca do inferno por ter levado uma vida tirana cheia de luxúria e pecados.**



O segundo personagem que sofre julgamento é o **onzeneiro** ambicioso. Ao chegar a barca do inferno o diabo o chama de “meu parente”. Ao descobrir o destino do batel infernal, ele recusa-se a embarcar e vai até a barca da glorificação, mas o anjo o acusa de onzena (agiotagem) e não permite a sua entrada. **Condenado pela ganância, usura e avareza**, o onzeneiro retornar a barca do inferno e tenta convencer o diabo a deixá-lo voltar ao mundo dos vivos para buscar o dinheiro que acumulou durante a sua vida. Mas o diabo não cede a seus argumentos e ele acaba embarcando no batel infernal.



A próxima alma a chegar é o **parvo**. Desprovido de tudo, ele é recebido pelo diabo, que tenta convencê-lo a entrar em sua barca. Ao descobrir o destino do batel infernal, o parvo xinga o diabo e vai até a o batel da glória. Lá chegando, o parvo diz não ser ninguém e, **por causa da sua humildade e modéstia, a sua sentença é a glorificação.**

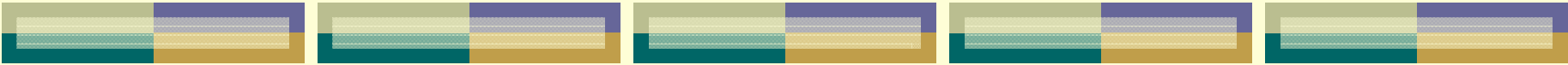


O outro personagem que entra em cena é o **sapateiro**, que traz consigo todas as ferramentas necessárias para a execução do seu trabalho. Ao saber o destino da barca do inferno, ele recorre ao anjo, mas sua tentativa é vã e ele é **condenado por roubar o povo com seu ofício durante 30 anos e por sua falsidade religiosa.**




Acompanhado pela amante, o próximo personagem a entrar em cena é o frade. Alegre, cantante e bom dançarino, o frade veste-se com as tradicionais roupas sacerdotais e sob elas, instrumentos e roupas usadas pelos praticantes da esgrima, esporte esse que ele se revela muito hábil. O frade indigna-se quando o diabo o convida a entrar em sua embarcação, pois acredita que seus pecados deveriam ser perdoados, uma vez que ele foi um representante religioso. Então ele, sempre acompanhado da amante, segue até o batel da glória, onde o anjo sequer lhe dirige a palavra, tamanha a sua reprovação, cabendo ao parvo a tarefa de condenar o frade à barca do inferno por seu falso moralismo religioso.



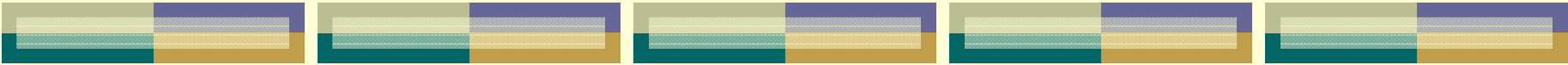


Depois do frade, entra em cena **Brísida Vaz, uma mistura de feiticeira com alcoviteira**. Ao ser recebida pelo diabo ela declara possuir muitas jóias e três arcas cheias de materiais usados em feitiçaria. Mas seu maior bem são “seiscentos virgos postiços”. Como a palavra “virgo” corresponde ao hímen, pode-se dizer que a alcoviteira Brísida Vaz prostituiu 600 meninas virgens. No entanto, o adjetivo postiço dá margem a interpretação de que as moças não eram virgens e Brísida Vaz enganou seiscentos homens. Ao saber qual era o destino do batel infernal, ela vai até à barca do anjo e, com um discurso semelhante ao usado nas artes da sedução, tenta convencer o anjo a deixá-la embarcar. Mas essa tentativa é inútil, pois **ela é condenada à barca do inferno pela prática de feitiçaria, prostituição e por alcovitagem**




O próximo personagem que entra cena é **o judeu**, acompanhado de seu bode, símbolo do judaísmo. Ele dirige-se ao batel infernal é até mesmo o diabo, que sempre mostrou-se muito desejo por almas, recusou-se a levá-lo. Então o judeu tenta subornar o diabo, mas esse, sob pretexto de não levar bode em sua barca, o aconselha a procurar a “outra” barca. O judeu então tenta aproximar-se do anjo, mas o parvo o impede, alegando que ele em vida **desrespeitou o Cristianismo**. Por alguns instantes tem-se a impressão de que o destino do judeu é ficar vagando sem destino pelo porto imaginário, mas **o diabo acaba levando o judeu e bode rebocados em sua barca.**





Depois do judeu, entra em cena o corregedor. Ele traz consigo vários autos (processos) e pode ser comparado aos juizes atuais. Ao ser convidado a embarcar no batel infernal ele começa a argumentar em sua defesa. No meio da conversação, chega o procurador, trazendo consigo vários livros. Ao ser convidado a embarcar, ele também se recusa e os dois representantes do judiciário conversam sobre os crimes que cometeram juntos e seguem para a barca da glória. Lá chegando, o anjo, ajudado pelo parvo, não permite que eles embarquem, condenando-os ao batel infernal por usarem o poder do judiciário em benefício próprio.



O próximo personagem a entrar em cena é o **enforcado**, que ainda traz no pescoço a corda usada no seu enforcamento. Ele acredita que a morte na forca o redime dos seus pecados, mas isso não ocorre e ele é condenado.





Os últimos personagens a entrar em cena são **os quatro cavaleiros que morreram nas cruzadas em defesa do Cristianismo**. Eles passam cantando pelo batel infernal, o diabo os convida a entrar, mas eles seguem em direção ao batel da glorificação, onde são recebidos pelo anjo. **O fato de morrer pelo triunfo do Cristianismo garante a esses personagens uma espécie de passaporte para a glorificação.**